

ARRAIÁ DA CAPITAL: pandemia e identidade dos quadrilheiros de Palmas (TO)

Elaine Nolêto Jardim¹

RESUMO:

A pandemia da Covid-19 impossibilitou que manifestações culturais do mundo inteiro ocorressem com a presença do público, fato que também impactou as quadrilhas juninas do Arraiá da Capital, tradicional festa de Palmas, capital do Tocantins. O evento teve seu formato presencial cancelado por decreto e, por isso, em 2020, a festa foi realizada no formato on-line, com redução considerável do número de participantes. Em consequência disso, este trabalho faz uma etnografia sobre os impactos da crise sanitária no evento, as implicações vividas pelos grupos de quadrilheiros e nas formas como tiveram que reinventar a festa. A pesquisa também teve o objetivo de traçar alguns elementos da identidade dos quadrilheiros, enquanto brincantes da manifestação e, também, moradores de Palmas. Ficou evidenciado que mesmo com a pandemia, esses grupos não perderam a vontade de preservar o festejo e que anseiam, após a vacinação, que a festa seja ainda maior que antes, ações que mostraram fortalecer ainda mais a identidade de quadrilheiro.

Palavras-chave: Pandemia. Arraiá da Capital. Identidade. Quadrilheiros.

ABSTRACT:

The pandemic of the new coronavirus (Covid-19) made it impossible for cultural events from all over the world to take place with the presence of the public, a fact that also impacted the Quadrilhas Juninas of Arraiá da Capital, a traditional party in Palmas, capital of Tocantins. The event had its in-person format canceled by decree and, therefore, in 2020, the party was held in the online format, with a considerable reduction in the number of participants. As a result, this work makes an ethnography about the impacts of the health crisis on the event, the implications experienced by groups of Quadrilhas Juninas and the ways in which they had to reinvent the party. The research also had the objective of tracing some elements of the identity of the Quadrilhas Juninas, as participants of the demonstration and, also, residents of Palmas. It was evident that even with the pandemic, these groups did not lose the will to preserve the celebration and that they yearn, after vaccination, for the party to be even bigger than before, actions that have shown to further strengthen the identity of quadrilheiro.

Keywords: Pandemic. Arraiá da Capital. Identity. Quadrilheiros.

INTRODUÇÃO

As festas de São João, amplamente celebradas no Brasil, foram impactadas pela pandemia da Covid-19, e em Palmas, Tocantins, a situação não foi diferente.

¹ Jornalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (PPGCOM/UFT). E-mail: elainenoletto07@gmail.com.

Com a emergência de saúde pública, eventos foram suspensos, incluindo o Arraiá da Capital, iniciado em 1993. Antes da pandemia, o Arraiá era promovido pela Prefeitura como o maior São João da Região Norte, atraindo resistência cultural e desenvolvimento econômico.

A espetacularização das culturas populares foi impulsionada pela intervenção de vários setores, tornando o Arraiá um evento esperado tanto pelo governo quanto pelo setor privado. Com a pandemia, o Arraiá tradicional foi cancelado em 2020, interrompendo meses de preparação dos quadrilheiros. Cláudio Maranhão, presidente da quadrilha Cafundó do Brejo, relatou o impacto financeiro, mitigado por uma parceria com a Fundação Cultural de Palmas (FCP).

Para manter a tradição, a FCP organizou o 28º Arraiá da Capital de forma remota em novembro de 2020, com participação reduzida a casais destaques. Fora do período junino, os quadrilheiros, muitos dos quais são negros, mulheres e LGBTQIA+, voltam a enfrentar dificuldades cotidianas, sendo visíveis apenas durante as festas.

Os grupos juninos proporcionam um espaço de afeto e pertencimento, essencial para a construção social e cultural dos participantes. A cultura popular é dinâmica e constantemente reelaborada, desempenhando um papel vital na vida das camadas populares. A ausência do Arraiá presencial trouxe questões sobre o impacto da pandemia nos quadrilheiros e a preservação da identidade cultural em Palmas.

A pandemia reforçou a identidade dos quadrilheiros, que mantiveram viva a manifestação cultural apesar das adversidades. Este estudo é o primeiro a abordar o impacto da pandemia no movimento junino em Palmas e Tocantins, contribuindo para a compreensão deste marco temporal na história humana a partir de uma perspectiva local.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para atingir o objetivo proposto, utilizei elementos da pesquisa qualitativa, que, segundo Freitas e Prodanov (2013), envolve a relação dinâmica entre o mundo real e a subjetividade do sujeito, não traduzível em números. Adotei métodos etnográficos para compreender diferentes perspectivas, incluindo observação participante, registro fotográfico e história oral.

Durante o Arraiá da Capital on-line em novembro de 2020, onde fui jurada, inseri-me na manifestação cultural e identifiquei possíveis entrevistados. Usei a história oral para evocar memórias através de narrativas, coletadas via entrevistas estruturadas e questionários on-line do Google Forms. As entrevistas foram gravadas pelo WhatsApp nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2021, devido à impossibilidade de encontros presenciais, e depois transcritas e analisadas.

O corpus da pesquisa inclui narrativas de agentes populares obtidas pela observação participante no Arraiá da Capital. Entrevistamos dez personagens juninos afetados pela pandemia da Covid-19, equilibrando o número de homens e mulheres e considerando a diversidade de locais. As entrevistas abrangeram diversas funções nos grupos juninos, como rei, rainha, noivo, noiva, marcador, presidente(a), costureira e coreógrafo, alguns com múltiplas funções.

IDENTIDADE E FESTAS JUNINAS ENQUANTO ESPAÇO REPRESENTATIVO

Para entender a identidade dos quadrilheiros, é fundamental compreender o conceito de identidade desde sua origem. Na filosofia, identidade descreve algo que se distingue de outro, mas é idêntico a si mesmo. Habermas propõe que “[...] a autoidentificação predicativa que efetua uma pessoa é, de certa forma, condição para que essa pessoa possa ser identificada genericamente e numericamente pelas demais” (HABERMAS, 1988, p. 147). Assim, a identidade resulta da contradição entre a percepção do indivíduo e da sociedade, podendo ser alterada inconscientemente tanto pelo próprio indivíduo quanto pelos outros.

Habermas também reconhece que o indivíduo pode construir novas identidades através das interações sociais, que são mutáveis. O "self" pode ser fragmentado ao longo da vida, mas mantém uma essência constante, sempre reconstituída apesar das vivências. Husserl exemplifica isso ao afirmar que “[...] esse ato passa, mas eu sou e permaneço daqui por diante um eu que decidiu desta ou daquela maneira, [...] enquanto ela [a decisão] é válida para mim, posso voltar a ela muitas vezes” (HUSSERL, 2001, p. 83).

Na sociologia, a identidade é sempre uma construção social, moldada pela história, geografia, biologia, instituições e memória coletiva, processada por indivíduos e grupos sociais (CASTELLS, 1999, p. 23). A memória é crucial para a resistência cultural, transmitindo relações de identidade e pertencimento que mantêm os costumes e modos de vida de um povo (BELTRÃO, 1980). A cultura diferencia um povo, criando laços identitários que dão significado às vivências comuns.

Bauman destaca que a identidade e o pertencimento são negociáveis e revogáveis, influenciados pelas decisões e ações individuais (BAUMAN, 2005, p. 17). Ele problematiza a necessidade de se enquadrar em uma identidade cultural, que pode limitar a expressão e o desenvolvimento pessoal.

As festas juninas despertam sentimentos de identificação e pertencimento. Ribeiro (2013, p. 37) afirma que a quadrilha, expressando amor, fé e família, influencia diretamente a vida social dos participantes, promovendo gentileza e afeto que moldam um modelo social a ser seguido. As quadrilhas juninas são

espaços de sociabilidade, especialmente para jovens que se envolvem por herança familiar ou identificação com a cultura junina.

O ambiente quadrilheiro promove socialização e identificação entre indivíduos, muitas vezes pertencentes a minorias sociais, como mulheres negras e pessoas LGBTQIA+. Nos grupos juninos, essas pessoas encontram voz e apoio para resistir ao mundo. Castro e Paiva (2021, p. 297) afirmam que a quadrilha é um espaço vital para a recriação do "eu" e expressão corporal, agregando experiências sociais permeadas por dissidências de gênero, sexualidade, raça e classe.

A convivência diária nos ensaios e encontros fortalece esses laços identitários. Os integrantes se consideram uma "família", frequentemente interagindo mais entre si do que com suas famílias biológicas. A pandemia interrompeu essas interações presenciais, mas também reforçou a identidade dos quadrilheiros através da falta da festa.

As apresentações públicas são motivadoras para os quadrilheiros, que trabalham o ano todo para brilhar nas festas juninas, se transformando em símbolos de tradição e identidade do grupo. Essas performances têm força narrativa e comunicativa, sendo mobilizadoras na realidade dos participantes (MENESES; RIBEIRO, 2015, p. 14).

QUEM SÃO OS QUADRILHEIROS

Os grupos de quadrilha junina são majoritariamente compostos por mulheres negras, moradoras da região Sul de Palmas, que cursam ou completaram o ensino superior. Muitas dessas mulheres são migrantes do Nordeste ou de outros estados da região Norte e desempenham múltiplas funções dentro dos grupos, tornando-se a base de sustentação dessa manifestação cultural. Castro e Paiva (2021, p. 293) ressaltam que essa composição demográfica evidencia a necessidade de uma análise interseccional para entender essas identidades, considerando raça, classe e gênero como fatores simultâneos que afetam os indivíduos.

A identidade dos quadrilheiros é fortemente influenciada pela presença do público, que os faz brilhar na arena. A maioria dos participantes destaca a emoção de se apresentar, o prazer de dançar e a felicidade proporcionada pelo reconhecimento cultural. As festas juninas são carregadas de "significações coletivas" que moldam experiências singulares e criam laços de identificação entre os participantes, como observado por Cardoso de Oliveira (1976, p. 5 apud DEMARCHI, 2019, p. 101). DaMatta (1994, p. 63 apud DEMARCHI, 2019, p. 101) complementa que a música e a dança revelam um plano concreto e cheio de sentido, refletindo a intencionalidade da tradição junina.

A tradição familiar de participar das festas juninas é marcante entre os quadrilheiros. Muitos lembram com carinho de suas infâncias, quando começaram a se envolver com as quadrilhas, influenciados por suas famílias e pela cultura nordestina. Um exemplo disso é a fala de um brincante que se considera quadrilheiro desde pequeno devido à influência de seus avós nordestinos.

As perguntas “o que faz você ser um quadrilheiro(a)” e “como começou a se identificar como quadrilheiro(a)” revelaram que ser quadrilheiro significa dedicação, amor e luta. Participar de um grupo de quadrilha, seja dançando ou desempenhando outras funções, é uma característica intrínseca ao ser quadrilheiro. Isso é ilustrado por depoimentos como o de um participante que relatou sua trajetória desde os oito anos de idade, passando por diversos papéis dentro das quadrilhas, e destacando o amor pela cultura junina como sua maior motivação.

A presença do público é uma motivação crucial para os quadrilheiros. A interação com os espectadores, que elogiam, tiram fotos e demonstram gratidão, é uma fonte significativa de incentivo. Os quadrilheiros sentem-se valorizados e felizes ao perceberem que suas apresentações tocam o coração das pessoas.

Durante a pandemia, a ausência de festas presenciais foi sentida como uma grande perda, pois a energia e o calor do público são insubstituíveis. No entanto, a paixão pela quadrilha manteve-se viva, mostrando a resiliência e o compromisso dos quadrilheiros com a tradição.

Os quadrilheiros são, em sua maioria, jovens influenciados pela cultura nordestina e motivados por suas famílias, amigos e amor pelas quadrilhas. Eles encontram nos grupos de quadrilha um refúgio das dificuldades contemporâneas e uma forma de se expressar culturalmente. Amar as quadrilhas e sentir-se parte delas são aspectos fundamentais de sua identidade. Hall (2014, p. 2) explica que internalizamos as identidades culturais, alinhando nossos sentimentos subjetivos com os lugares que ocupamos no mundo social e cultural, o que é claramente observado entre os quadrilheiros.

O reconhecimento do público e o prazer de se apresentar são forças motrizes que mantêm os quadrilheiros dedicados à tradição junina ano após ano. Eles são ousados, dedicados e apaixonados, sempre buscando dar o melhor de si em cada apresentação e receber o reconhecimento daqueles que os acompanham.

TEMPO DE FESTA E TEMPO DE ESPERANÇA

Como descrito anteriormente, os grupos juninos foram impedidos por decreto de terem apresentações com muitos integrantes e com público. Fator esse que fez com que as apresentações ocorressem por casais destaques (casal de noivos, casal de reis e casal cangaço) por transmissões ao vivo na internet, sem

público para assistir ao vivo. Destaco que essa situação, vista novamente na pesquisa, trouxe prejuízo social, pois a socialização é inerente ao quadrilheiro, como exposto nas falas abaixo, que explicam o que era ser quadrilheiro antes da pandemia.

Antes da pandemia a gente tinha todo um contato com o pessoal todo do grupo, a gente tinha energia da galera dentro dos ensaios, durante as apresentações, energia do público batendo palma, gritando, pulando. Agora não, agora estamos na situação em que o São João está bem diferente. Apresentações on-line, uma situação em que você não sente toda aquela força que a galera passa pra você, é muito diferente. [...] Como era ser quadrilheiro antes da pandemia? Ai, meu Deus. Era uma loucura, porque ser quadrilheiro não é uma coisa fácil. Muita gente acha que ser quadrilheiro...vou falar uma palavra forte que todo mundo usa, tu és quadrilheiro, então é vagabundo, não faz nada. Não. É muito diferente do que todo mundo acha. (Pra) ser quadrilheiro, tu tens que ser uma pessoa que é responsável, inteligente, tu tem que ter maturidade para as coisa, tu tem que ter conhecimento do mundo, da vida, e de tudo. Porque ser quadrilheiro, você tem que estudar as coisas, tem que estudar. [...] E dançar sem a torcida, dançar sem aquele povo todo, e não poder juntar com todo mundo, com esse mais de cento e vinte pessoas, não poder rever as pessoas, sair do ensaio, ir pra algum lugar comer um lanche, ir pra algum lugar, tomar um refrigerante, ir pra algum lugar, fofocar, falar um monte de coisa, lembrar o ensaio. É triste, muito triste (Entrevista concedida em março de 2021).

A falta de contato com os integrantes dos grupos deixou uma lacuna que até atualmente os quadrilheiros não sabem se vai ser suprida. Essa situação foi exposta por praticamente todos os entrevistados para esta pesquisa. Muitos relataram sentir falta dos ensaios e da correria que era o processo de montar uma apresentação junina. Além disso, todos afirmaram ter uma relação de amizade e companheirismo muito forte com os demais integrantes dos grupos. O amor pelo movimento novamente é evidenciado, demonstrando como a falta das festividades presenciais acaba por reforçar ainda mais a identidade de ser quadrilheiro. Os quadrilheiros acharam outras maneiras para se relacionar.

Era muito bom porque era ensaio todo final de semana, era diversão, era ver a gente que você tava querendo ver, conversar. Agora tá um pouco complicado, a gente conversa dentro do grupo do WhatsApp, mas não é com aquela intensidade dos

ensaios, porque pessoalmente é mais prazeroso conversar. A quadrilha em si vai perdendo a força com a pandemia. [...] Ser quadrilheiro antes da pandemia era encontro, era abraço, eram sorrisos, era o suor. Era alegria, diversão, discussões também, claro. Afinal, quando a gente está no meio de um processo criativo com muita gente criando também ocorrem os desentendimentos com relação aos conceitos, enfim. Isso tudo é ser quadrilheiro antes da pandemia. A pandemia fez com que a gente se distanciasse muito uns dos outros. E assim como qualquer outra arte performática quem é quadrilheiro necessita do público, necessita ser visto, necessita sentir no olho do público o brilho. Perceber o brilho no olho do público, assim como também ver aquele sorriso quando acham alguma coisa engraçada ou encantamento pelo sincronismo da dança e pela criação completa daquela temática junina (Entrevista concedida em março de 2021).

Conforme os entrevistados, ser quadrilheiro antes da pandemia era interação social, calor humano, contatos esses que foram cortados bruscamente pelo risco de contágio pelo novo coronavírus. A falta do estar junto ocasionou uma grande perda para os manifestantes, situação comprovada por todos. Ser quadrilheiro agora é viver de incertezas, pois não há previsão para que as apresentações presenciais retornem, o que traz grande nostalgia dos brincantes e até medo, mas nunca sem perder a esperança de que tudo voltará a ser como antes e ainda melhor, como confirmado por um dos entrevistados, que “[...] ser quadrilheiro agora é pensar fora do que seria a caixa da cultura popular junina. Afinal a gente precisa continuar, dar continuidade a tradição mesmo com as dificuldades dos encontros e reencontros”. Essa passagem mostra a identidade de quadrilheiro em processo. É disso que se trata quando os autores trabalhados no primeiro tópico deste capítulo falam que a identidade está em permanente construção. Os desafios contemporâneos vão desafiando os atores a enfrentá-los e ao mesmo tempo continuar com as tradições.

IMPACTO DA PANDEMIA, RESSIGNIFICAÇÃO E ÂNSIA DE DIAS MELHORES

A pandemia trouxe grande impacto para a vida dos quadrilheiros, não só no campo social, como descrito acima. Outro impacto notado pela narrativa dos participantes da pesquisa foi o impacto financeiro, tendo em vista que alguns quadrilheiros dependem financeiramente destes festivais para sobreviverem. As entrevistas evidenciaram que quem tinha outra profissão conseguiu se manter. No entanto, quem não tinha, passou por dificuldades, como descrito a seguir.

No ano passado eu comecei a fazer os figurinos para um grupo, logo começou os rumores de pandemia e o trabalho foi interrompido. Foi um gasto de tempo e esforço desperdiçado. Trabalhei, me empenhei e não teve quadrilha. No final, fiquei no prejuízo. [...] O impacto na minha vida durante a pandemia foi muito grande. Vivo da arte, vivo da cultura, sou professora de dança, balé, jazz e dança de salão. Foi um ano bem complicado, foi um ano que eu passei bem apertada mesmo, a renda diminuiu muito, sobrevivi com muita pouca renda. [...] Para mim não houve prejuízos porque trabalho com outras coisas. Eu tenho muitos amigos que vivem da cultura. Eu tenho muitos amigos que vivem da música que teve aquele baque com a pandemia, pois como é que você vai reunir algum um monte de pessoa pra ver uma pessoa cantando? Você não vai cantar. Ninguém contrata uma pessoa pra cantar pra três pessoas, três, cinco. Ninguém vai fazer um teatro para três, duas pessoas (Entrevista concedida em março de 2021).

A saúde mental dos quadrilheiros também foi prejudicada, conforme as narrativas dos participantes da pesquisa. Um deles afirmou que dói muito quando se lembra que não vai poder dançar com todo mundo por conta da pandemia e que muitos ficam em depressão. A incerteza de que o movimento da forma presencial trouxe muitas angústias.

Às vezes aquele ali é um lugar para as pessoas se expressarem, fazer amizade, talvez uma pessoa tá até doente, ela vai pra junina, ela conversa, ela tem amigos ali, tem muitas pessoas que já se casaram, já conheceram o seu companheiro, a sua companheira, através do movimento junino. Então, o movimento é rico. Eu sempre falo que o movimento junino é um movimento muito rico no estado do Tocantins. Não pode acabar assim (Entrevista concedida em março de 2021).

Além disso, outra questão evidenciada foi a redução de participantes na construção do espetáculo, não só pela questão da apresentação em si, mas pela falta de proximidade física com os demais brincantes.

[...] poucas pessoas participaram da construção do espetáculo. Então, hoje a pandemia tá sendo muito ruim, não poder tá junto, poder tá próximo das pessoas, poder tá trabalhando, sabe? Isso é ruim.

Um dos entrevistados relatou que a pandemia, trouxe tristeza, pois “[...] são muitos anos trabalhando com isso. São muitos anos levando alegria e entretenimento para o público que ama as quadrilhas juninas”, afirmou. Outra situação relatada foi a quebra de aderência dos participantes aos grupos juninos, devido à desistência dos integrantes da manifestação cultural.

Eu creio que não tendo São João esse ano vai ser muito difícil 2022 as quadrilhas voltarem. porque o impacto financeiro é grande, você recebe uma verba da prefeitura né, recebe uma verba para fazer seu espetáculo, então assim dois anos parados até pra voltar pra juntar o grupo de novo vai ser bem complicado então o impacto a nível cultural assim falando de voltar a reunir o grupo. [...] Eu creio que algumas quadrilhas nem vão conseguir, vai ser o fim mesmo de algumas quadrilhas (Entrevista concedida em março de 2021).

No que se refere às apresentações, um quadrilheiro comentou ao responder sobre impacto que a pandemia trouxe, que sofreu ao se apresentar para as câmeras durante a live ao invés do público em quadra, situação completamente oposta ao que estava acostumado. Segundo ele, isso prejudicou seu desempenho na apresentação. Ele trouxe a transição do que é se apresentar em uma arena e em uma live, que antes da pandemia até 40 casais se apresentavam com uma energia contagiante, situação que, de acordo com ele, se quebrou com a apresentação on-line apenas dos casais destaques.

A principal diferença foi a redução drástica de casais, ficando só os destaques como casal de reis, noivos e a invenção do casal cangaço. A energia dos grupos que tinham mais de 80 pessoas se esvaiu. A falta de público, mesmo on-line, prejudicou as apresentações. Faltou emoção. Muitos quadrilheiros desistiram de continuar. [...] Ser agora é muito complicado, porque você não trabalha presencial, a gente tinha o quê? Antes, a gente tinha praticamente cinquenta e cinco casais, era muita gente em quadra, era muita gente, cento e dez pessoas em quadra e fora as pessoas que dançavam sem parceiro, era mais de cento e vinte pessoas dançando, o tempo todo ali, ó. E hoje você não tem nada daquilo, tipo a gente dançou agora a live da Arraiá da Capital do Estadual, só nós. Só os individuais, que são os destaques, casal de noivos, casal de reis, rainha e cangaço. (Entrevista concedida em março de 2021)

No entanto, com todas essas dificuldades, os quadrilheiros comemoraram poder se apresentar a um público restrito e poder refazer a festa.

A questão de ter feito o Arraiá foi muito bom, porque mostra que as quadrilhas não estão mortas, que tem sim quadrilha lutando pra que aconteça o Arraiá. Para que a pandemia não pare um movimento tão gracioso que é o movimento junino de Palmas (Entrevista concedida em março de 2021).

Segundo o dicionário Priberam, reinventar é tornar a inventar, mudar a maneira como algo ou alguém funciona ou se comporta. Já ressignificar é dar outro significado a algo. Conforme as entrevistas, a reinvenção foi algo fundamental para continuar a tradição junina, mesmo que de forma ressignificada. A ressignificação se torna óbvia, tendo em consideração que a festa não pode ser mais a mesma durante a pandemia. Para Meneses e Ribeiro (2015, p. 4)

É inerente à cultura, especialmente à cultura popular, certa capacidade de se reinventar, que revela a criatividade e a invenção dos indivíduos a fim de criar espaços e condições de se expressarem. [...] No cotidiano a cultura absorve outras, se adapta, se ressignifica e se difunde. De qualquer forma que seja abordada, no entanto, a cultura identifica o indivíduo como parte de um grupo social influencia na forma como a própria pessoa se vê e se comporta particularmente ou em comunidade e nem sempre está em conflito com o considerado hegemônico.

Ao serem questionados sobre o que fizeram para reinventar a quadrilha, todos os quadrilheiros citaram a reinvenção por meio on-line. Todos ressaltaram que os grupos precisavam estar em cena na internet. Pessoas com ocupações de liderança tiveram que produzir lives, enquetes e quizzes em redes sociais como o Instagram e Facebook.

Através da internet. Por meio do ativismo nas redes sociais e com lives. Também fizemos ensaios de uma pessoa só em lugares fechados. A gente tentou não deixar a chama do São João se apagar, com muitas ações voltadas pra cultura de forma geral. Criamos gincanas dentro do grupo, para as pessoas saberem um pouco da história da quadrilha, com muito quiz, com perguntas. [...] A gente já fez uma gincana dentro do nosso próprio grupo, já fez uma gincana, a gente já colocava enquete no Instagram para pessoas de fora responder essas coisas assim. [...] A gente

teve que reinventar, fazer enquetes, fazer gincanas, tudo pela internet, o bate-papo, live, conversas, dúvidas, de como tava [o movimento junino] no estado. Eu vivo e respiro juntamente com a minha equipe, que é o que sempre está se reinventando, pensando em algo novo. Então a rede social foi fundamental. Que é até hoje. E sempre vai ser. [...] Tivemos que reinventar muito, até por esse fato que eu falei de perder dançarinos, tivemos que colocar live, fazer feijoada, fazer uma movimentação, fazer rifa, das pessoas tá ali porque acaba se tornando, você fica mais de oito meses envolvido com aquelas pessoas, montando cenário, montando figurino, montando coreografia. [...] Nós tivemos que nos reinventar em forma de live, que era o único jeito possível viável e visando a saúde de todo mundo né. Pra mim foi uma experiência boa, foi uma experiência diferente, nada parecido com o São João que estamos acostumados, mas foi uma experiência boa. Se tivesse esse ano novamente nesse formato eu preferia que acontecesse assim do que não acontecer. Até mesmo porque a gente precisa mesmo de algumas alegrias pra enfrentar esse momento tão difícil que a gente tá passando e o São João pra gente é isso né. Pelo menos assim falando por mim, financeiramente eu não sobrevivo de São João, pelo contrário, às vezes a gente coloca dinheiro nosso pra finalizar espetáculo, pra terminar tudo o que a gente quer fazer pela quadrilha (Entrevista concedida em março de 2021).

Além da presença on-line do grupo para reinventar a manifestação cultural, os participantes citaram precisar a elaboração de atividades de interação social on-line entre os integrantes das quadrilhas, com o objetivo de agregar componentes e não os perder por conta da paralisação dos ensaios e as relações sociais trazidas por esses encontros pessoais.

A gente tenta fazer algumas atividades dentro das redes sociais, pra não sair de casa, algumas gincanas, algumas dinâmicas, dentro do nosso grupo para a gente não perder componente, e sim agregar componente. A gente tenta fazer lives, a gente tenta criar dinâmicas pra conversar, pra interagir com pessoas fora do nosso grupo, pelo Instagram, pelo Facebook, pelo WhatsApp (Entrevista concedida em março de 2021).

Citaram a possibilidade que tiveram de se apresentar mesmo on-line e com a participação de casais destaques com o apoio da Fundação Cultural de Palmas. Os grupos tiveram que refazer temáticas, adaptar coreografias para o cenário on-line e montar um espetáculo reduzido para um grupo pequeno de

participantes, pensando no bem estar das pessoas visto à pandemia. Um integrante de um dos grupos das juninas participantes descreve que “[...] foram pequenos espetáculos para que a gente pudesse ter a menor quantidade de pessoas envolvidas e com todos os cuidados para que a gente não contribuísse com a disseminação desse mal que está assolando a humanidade”.

Um dos participantes analisou que as apresentações on-line contribuíram para manter o “sentimento do São João”, vivo e também fazer com que os participantes não desanimassem e tivessem “esperança e fé” que o quanto antes se apresentarão em quadra com a animação do público novamente.

A maioria dos participantes está otimista com um retorno breve do São João. Sabe-se que isso implica bastante proatividade dos governos federal, estadual e municipal para que a população esteja completamente imunizada contra a Covid-19 e, claro, as vacinas disponíveis sejam úteis às novas variantes contra a doença que tem surgido nos últimos meses. Apesar disso, os integrantes anseiam por uma volta próxima e já citam o ano de 2022.

Tenho muita esperança e muita fé que em 2022 a gente tenha o São João do jeito que a gente gosta. Um São João quente, um São João de abraços, um São João de energia, de gritos e de palmas. Com fé em Deus 2022 e 2023 vão ser "São Joões" presenciais. [...] Eu já espero que em 2022 já esteja tudo normalizado. A quantidade de vacinas em 2022, de pessoas vacinadas, já vai ser muito alta, é o que esperamos. E espero que apesar de que a vacina aplicada no Brasil seja pra não agravar né, nos sintomas, mas eu creio que já vai ser mais uma tranquilidade. E os estudos continuam né para serem feitas novas vacinas, e eu espero que exista uma imunizadora mesmo contra o vírus.

Apesar de aguardar um retorno próximo, uma parte dos entrevistados anseia que o retorno seja quando as pessoas estiverem todas imunizadas e reforçam a necessidade de se ter, primeiramente, saúde para que consigam dar continuidade a festividade junina, fato que prova que a pandemia reacendeu ainda mais a chama da identidade de quadrilheiro.

Minhas expectativas para os próximos anos é quando todos forem vacinados, né? Primeiramente. Pra que todos tenham saúde para conseguir com aqueles grupos juninos que dava um show em arena, que deixava pessoas com os olhos brilhando. Com cada espetáculo lindo. E que vai ser tudo bom. Que quando voltarmos, vai ser todo mundo com sangue nos olhos, porque tá todo mundo querendo voltar a dançar, só que não volta, por causa da pandemia. E quando voltar vai ser com muita força,

muita garra para que seja e faça um espetáculo bonito. [...] Todo quadrilheiro tem a cabeça boa. Então, todo quadrilheiro sabe o que fazer e o que não deve fazer. Então, a cabeça é boa para poder inventar. A gente nunca não tem nada pra fazer, sempre tá reinventando. Com as temáticas, com dança, roupa e igual disse, a rede social foi fundamental. Ela tá sendo bem mais vista agora. Então, a gente não deixou a tradição se perder porque não tivemos Arraiá presencial (Entrevista concedida em março de 2021)

Outro anseio dos quadrilheiros é que as manifestações voltem logo para que continuem, além de ser um momento de lazer para os brincantes e espectadores, uma fonte de renda para quem depende da festa. Outra situação citada é o retorno do estímulo positivo para a saúde mental.

A expectativa pros anos seguintes é que tudo isso passe logo. Porque tem muitas pessoas dependendo disso, gera muito emprego tanto pra costureira, tanto pra diretores, preparadores corporais, pra temáticas, escritores. Além disso, é uma distração para as pessoas que possuem sofrimento mental (Entrevista concedida em março de 2021).

Os participantes também temem que alguns grupos de quadrilha possam acabar, após um ou dois anos sem realizar nenhuma atividade com todos os participantes juntos. “Eu tenho medo de que isso acabe em alguns grupos. Sabe? Ao mesmo tempo eu imagino que vai voltar com força total, porque as pessoas estão com saudade de fazer aquilo, de participar”, afirma o manifestante.

Uma conjuntura prevista por um dos integrantes dos grupos é a possibilidade da continuidade das festas juninas on-line nos próximos anos. Ele comenta que será possível levar entretenimento para as pessoas através da internet, no entanto, não anula outras possibilidades e espera que nos próximos anos o Arraiá seja presencial com “calor do brincante, com calor do público, com alegria, com o colorido do balão, das bandeirinhas e sorrisos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender qual foi o impacto da pandemia do novo coronavírus nos quadrilheiros do Arraiá da Capital, manifestação cultural que acompanha a história de Palmas - TO. Além disso, buscou compreender o que tange a identidade desses brincantes enquanto atores culturais da festa local.

Na busca de identificar de que forma a manifestação cultural se manteve e debater o futuro dela, de acordo com a visão dos participantes e entender a identidade desses quadrilheiros enquanto participantes do movimento junino,

nota-se que outra falta sentida foi a do público. Essa falta de encontros presenciais para ensaio e convívio se provaram de grande impacto cultural e social na vida dos participantes dos grupos de quadrilhas, devido a impossibilidade de contato e apoio que só ocorrem dentro dos ambientes de ensaio e de planejamento das quadrilhas. Impossibilitados do contato, os participantes perderam também a chance de celebrar e compartilhar suas identidades e experiências, assim como foram também impossibilitados de viver um momento que lhes traz prazer e alegria, uma válvula de escape da rotina sofrida.

Durante todos os meses do ano os quadrilheiros ensaiam, trabalham arduamente para compor seus figurinos, para criar suas coreografias e encarnar os personagens que tanto amam, na busca de reconhecimento e admiração, do público, da família e de seus pares, passando assim a serem momentaneamente avatares da festividade, da tradição, dos grupos que fazem parte e também da comunidade. Tornando-os comunicadores e representantes da realidade e do universo folclórico em que estão imersos.

É possível perceber que para os brincantes as festividades vão além da ideia da apresentação e do período de maior evidência, mas fazem parte de sua formação enquanto pessoas e atores culturais. Para estas pessoas, este espaço é um encontro entre suas experiências e suas vivências, além de um ambiente de auxílio para a identificação de reforço de suas identidades individuais e coletivas, passando pela compreensão de ideias e conflitos que vivem com a sociedade e pela troca de suas experiências e dores.

Perceber tudo isso torna possível compreender o impacto da Covid-19 na vida e rotina desses indivíduos, não apenas como algo que pode lhes causar mal físico, mas como uma pandemia pode desestruturar as bases sociais e culturais de um recorte já marginalizado de um povo, que encontra em si mesmo força para seguir adiante. Parte desse ponto a necessidade de voltar outras pesquisas científicas para o impacto da pandemia em outros recortes como o econômico e psicossocial.

A identidade do quadrilheiro foi reforçada no desejo de fazer com que a festa continuasse. O anseio deste povo pelo retorno das quadrilhas é também uma súplica por espaço e pelo retorno das vivências que agora não fazem mais parte de seus cotidianos, pelas palavras trocadas, os momentos de alegria e de afeto. Já são dois longos anos longe do calor do povo e dos encontros festivos. Percebeu-se que o calor dessas festas não está apenas nas fogueiras, mas também na rotina de se sentir parte de algo que se vive todos os dias, nas palavras e nos gestos, nas amizades e nos abraços. Com o avanço da vacinação a cada dia, sobra ainda a esperança dos quadrilheiros, para dias em que possam voltar aos seus

espaços e dançar seus passos marcados ao som das músicas que emanam alegria.
Eles já têm começado.

REFERÊNCIAS

BARROS; SILVA. **Método história oral de vida**: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. Revista Terapia Ocupacional. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4472427/mod_resource/content/1/historia%20de%20vida%20TO.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2005.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: **A comunicação dos marginalizados**, São Paulo: Cortez, 1980.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Thiago Silva de; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. **São João em tempos de Covid-19**: os impactos da pandemia do novo coronavírus nas experiências de participantes de quadrilhas juninas no interior cearense. Horizontes Antropológicos [on-line]. 2021, v. 27, n. 59. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100015>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

DEMARCHI, André Luís Campanha. **A grande fúria do mundo**: Legião Urbana, juventude e rock [recurso eletrônico] / André Luís Campanha Demarchi. Palmas: EDUFT, 2019.

FREITAS, E.C; PRODANOV, C.C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª ed. Universidade Feevale – Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: Martin Bauer; George Gaskell (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 65-88.

HABERMAS, Jurgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas**: introdução à fenomenologia. São Paulo: Madras. 2001.

JARDIM; Elaine Nolêto. **Festas juninas de Palmas-TO**: Uma análise folkmediática das reportagens do Jornal Anhanguera 1ª Edição – Palmas, TO, 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. A entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis**: Vozes, 2002. p. 90-113.

MENESES; SILVA. **Quadrilha Junina Cafundó do Brejo**: cultura, identidade e solidariedade. Disponível em: <<https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-3f823cf3807543d112bdb6978c7fe28a7c1d40a-arquivo.pdf>>. Acesso em> 21 nov. 2021.

MENESES, V. D. TESKE, W. Estado da arte dos estudos Folkcomunicacionais no Tocantins: a projeção da identidade e cultura tocantinense em diversos espaços e plataformas. In: NOBRE, I. M. LIMA, M. E. O. **Cartografia da Folkcomunicação**: o pensamento regional brasileiro e o itinerário de internacionalização. Campina Grande: EDUEPB, 2019. Disponível em: <<http://eduepb.uepb.edu.br/download/cartografia-da-folkcomunicacao/>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

MENESES, V. D.; RIBEIRO; C. J. S. **Reelaboração e invenção nas quadrilhas juninas do Tocantins**. RIF, v. 13, n 30, p. 116-134, dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1817/1316>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

RIBEIRO, Carla Josyanne Schultes. **Quadrilhas Juninas**: Entre a apropriação da cultura nordestina e a construção da identidade tocantinense. 2013. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, 2013.